

A expansão do etanol e o acordo Mercosul-UE

Um retrocesso na “transição verde” da União Europeia

Novembro de 2021



Índice

Sumário	02
Introdução	02
Cresce a demanda europeia por etanol	03
A ascensão da indústria do etanol da cana-de-açúcar	04
Impactos ecológicos do boom da cana-de-açúcar movido a etanol	04
Agrotóxicos utilizados no plantio da cana-de-açúcar	06
O papel da Bayer e da BASF, gigantes empresas químicas europeias	07
Impactos sociais – acesso à terra	07
Condições de trabalho e mão de obra escrava	08
Agronegócio faz lobby para enfraquecer a proteção ambiental e social	09
Políticas contraditórias da EU	10
Conclusão	11
Referências	12

Créditos

Autora: Audrey Changoe

Pesquisa: Audrey Changoe, Sergio Schlesinger

Editora: Helen Burley

Contribuições: Paul de Clerck, Laura Hieber, Martin Konecny

Imagem de origem da capa:

“Sugarcane”: <https://flickr.com/photos/worldwaterweek/8738143304/in/album-72157633477132559/> by worldwaterweek/Netafim. License: CC BY 2.0.
<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>

Sumário

As empresas químicas da União Europeia (UE) anseiam por usufruir os benefícios que terão com o Acordo Comercial entre o Mercosul e a UE.

Apresentado como combustível verde, o etanol exportado do Brasil para a Europa é produzido principalmente a partir da cana-de-açúcar. Mas a expansão dessa cultura, que é irrigada e utiliza agrotóxicos intensivamente, ameaça biomas de biodiversidade singular, particularmente o Cerrado, rica savana brasileira. As comunidades rurais e os povos indígenas, que já suportam o peso da expansão do agronegócio, terão ainda maior dificuldade de acesso a suas terras tradicionais e a seus meios de subsistência.

O Acordo, como de hábito, vai favorecer os negócios de empresas europeias diretamente responsáveis pelo enfraquecimento das políticas de proteção do meio ambiente e dos direitos indígenas no Brasil. Os impactos negativos deste acordo comercial, conflitante com o Acordo Verde Europeu, irão minar suas promessas de reduzir o uso de agrotóxicos e de proteger a biodiversidade global.

Introdução

Em 2019, após quase 20 anos de negociações, a UE e o bloco comercial sul-americano Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) concluíram o Acordo de Livre Comércio UE-Mercosul. O acordo foi celebrado pelos líderes europeus e do Mercosul, com o presidente brasileiro Jair Bolsonaro tuitando: "Esse será um dos acordos comerciais mais importantes de todos os tempos e trará benefícios enormes para nossa economia"¹.

A sociedade civil, ao contrário, já alarmada com os incêndios na Amazônia, recebeu a notícia com preocupação. Organizações e movimentos sociais destacaram que o Acordo aumentará o desmatamento e agravará o desemprego e as condições de vida das populações rurais nos países do Mercosul.

Caso ratificado, o acordo reduzirá as tarifas de mais de 90% do comércio de mercadorias entre os dois blocos². Beneficiará particularmente a exportação de produtos agrícolas como soja, carne bovina e etanol dos países do Mercosul e aumentará a exportação de agrotóxicos da UE.

As exportações de etanol, cuja imagem é vendida com a de combustível ambientalmente limpo e sustentável, vão aumentar significativamente, com corporações petrolíferas e químicas como a Shell, Bayer e BASF exibindo suas credenciais "verdes".

Esse aumento da demanda vai resultar em expansão do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, que já é o seu maior produtor e o segundo maior produtor e exportador de etanol do mundo.

No entanto, a produção deste combustível supostamente verde está associada a grandes impactos sociais, laborais e ambientais. O aumento da produção resultará em perda de biodiversidade, prejudicando também a subsistência de indígenas e outras comunidades rurais, como quilombolas, agricultores familiares, trabalhadores sem terra e pescadores artesanais de comunidades ribeirinhas.

O Acordo vem no momento que a UE está promovendo uma transição verde, prometendo reduzir o uso de agrotóxicos e proteger a biodiversidade global, além de cobrar maior reconhecimento dos direitos dos povos indígenas.

Cresce a demanda europeia por etanol

As exportações brasileiras de etanol para a UE estão em alta. Subiram de 73 milhões de litros no ano-safra 2019-2020 para 175 milhões em 2020-2021³. Isso se deve, em parte, ao aumento do uso de misturas de etanol à gasolina e ao aumento da demanda da indústria química⁴.

A diretiva de energia renovável da UE (REDII) promove o uso de bioenergia e biocombustíveis como parte de um pacote de medidas destinadas a reduzir as emissões de gases de efeito estufa, com metas estabelecidas como parte do Acordo Verde da UE⁵.

O Acordo com o Mercosul permitirá a exportação de 650 mil toneladas (823 milhões de litros) de etanol à base de cana-de-açúcar para a UE, aumentando em cerca de seis vezes o volume atual. **Desse total, 200 mil toneladas (253 milhões de litros) a serem importadas livres de impostos para todos os usos, particularmente para cumprir as metas de combustível "verde" em transporte da Europa**⁶.

Outras 450 mil toneladas (570 milhões de litros) poderão ser importadas com tarifas reduzidas, tendo como principais beneficiárias as indústrias bioquímicas e de bioplásticos⁷, com a expectativa de que a demanda cresça significativamente em curto e médio prazos⁸. A alemã BASF, maior empresa química do mundo, é líder no desenvolvimento de novos produtos bioquímicos.

Da mesma forma que o etanol é promovido como combustível verde, bioplásticos e bioquímicos são percebidos por muitos consumidores como produtos "naturais", biodegradáveis e atóxicos. No entanto, metade dos bioplásticos produzidos não são biodegradáveis, enquanto o plástico "biodegradável" permanece intacto por séculos se não for enviado para uma usina de reciclagem adequada⁹. Estudos também revelam que os bioplásticos carregam tanto conteúdo tóxico quanto o plástico normal¹⁰.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de etanol, depois dos EUA. Em 2020, produziu 30,4 bilhões de litros de etanol de cana-de-açúcar e 2,4 bilhões de litros de etanol de milho¹¹. Dos quatro países que integram o Mercosul, somente Brasil e Paraguai têm excedentes de produção para exportação. A produção brasileira corresponde a 95% do total do bloco¹².

No Brasil, a cana-de-açúcar é a matéria-prima para mais de 90% do etanol produzido¹³. No Paraguai, são apenas 19%, sendo os 81% restantes produzidos a partir do milho¹⁴.

Duas grandes multinacionais europeias estão envolvidas na produção de etanol no Brasil, operando por meio de subsidiárias e joint ventures. A gigante petrolífera anglo-holandesa Shell associou-se à Cosan, formando a Raízen, joint venture que é a principal fabricante mundial de etanol de cana-de-açúcar e a maior

exportadora mundial de açúcar da cana¹⁵. A Cosan foi fundada pela família Ometto e é presidida por Rubens Ometto Silveira Mello, maior bilionário do etanol do mundo. Mas o sucesso da Cosan também tem sido associado a violações de direitos humanos dos povos indígenas em Mato Grosso¹⁶.

Outra grande empresa do setor no Brasil é a francesa Tereos, cuja subsidiária brasileira é a segunda maior produtora de açúcar do mundo e uma das maiores exportadoras do etanol produzido no Brasil¹⁷.

A ascensão da indústria do etanol da cana-de-açúcar

A indústria brasileira de etanol se desenvolveu na década de 1970, quando o governo buscou reduzir a dependência do país de petróleo importado, em resposta à crise global do produto. O programa ProÁlcool foi concebido para produzir uma alternativa à gasolina, utilizando a cana-de-açúcar como matéria-prima.

A cana-de-açúcar foi a primeira monocultura introduzida no Brasil, no início do período colonial, quando o açúcar se tornou o mais importante produto de exportação, com os lucros alimentando a expansão colonial europeia^{18 19 20}.

Este comércio dependia da escravização em massa de africanos e indígenas como força de trabalho. Potências coloniais europeias saquearam territórios indígenas e reprimiram comunidades locais²¹.

Este período deixou marcas profundas na estrutura social do Brasil, incluindo a concentração da terra nas mãos de proprietários ricos, desigualdades sociais, racismo estrutural e o caráter patriarcal da sociedade brasileira²². A mão de obra barata e as más condições de trabalho forneceram as bases para o surgimento do Brasil como um grande produtor de etanol de cana-de-açúcar.

Mais recentemente, o cultivo da cana-de-açúcar e a indústria do etanol ganharam novo impulso com o desenvolvimento de carros flex, que funcionam com uma mistura de gasolina e etanol. A indústria do etanol utiliza agora mais de metade da cana-de-açúcar produzida no país.

Impactos ecológicos do *boom* da cana-de-açúcar movido a etanol

O Brasil é reconhecido como um dos países mais biodiversos do mundo e responde por cerca de 15% a 20% da diversidade biológica global²³. A perda e degradação do habitat são as principais causas de redução da riqueza e abundância de espécies. O Brasil tem sido apontado como um dos dez principais países com previsão de elevado declínio de mamíferos até 2050²⁴.

O aumento do uso do solo para a bioenergia do etanol amplifica os ataques à biodiversidade. A expansão prevista com a entrada em vigor do acordo comercial irá aumentar significativamente a ameaça à biodiversidade²⁵. O fato gerou apelos internacionais por uma redução da procura global de etanol e outros biocombustíveis²⁶.

O agronegócio brasileiro promoveu uma narrativa de crescimento verde em torno do etanol e conseguiu efetivamente evitar que as questões sociais e ambientais relacionadas fossem abordadas²⁷. Mas sua produção requer grandes quantidades de terra e água, e a cultura da cana-de-açúcar está ligada ao uso insustentável e à poluição da água, à degradação do solo devido a práticas de monocultura, à violação do direito à terra e à contaminação generalizada por agrotóxicos²⁸.

A produção de cana de açúcar está em expansão no Cerrado, ameaçando sua rica biodiversidade²⁹. **Pesquisas mostram que o aumento da demanda nacional e internacional por etanol desencadeou mudanças diretas e indiretas no uso da terra³⁰, perda de biodiversidade³¹ e desmatamento³².**

O Cerrado é a savana mais rica e biodiversa do mundo, com mais de 10 mil espécies de plantas, das quais 4.400 são exclusivas desta área³³. Pesquisadores calcularam recentemente que esse bioma poderá ter sua biodiversidade reduzida, caso a demanda global de etanol cresça como previsto. Constataram também que, para além do risco global, áreas específicas do bioma poderão ter perdas significativas no número de espécies de mamíferos, com queda entre 50% e 100% na riqueza dessas espécies³⁴.

A cana-de-açúcar é a cultura com a maior área irrigada do Brasil. No estado de São Paulo, a mais importante região produtora de cana-de-açúcar, essa atividade responde por 37% de toda a água consumida³⁵.

A demanda por água para irrigação é preocupante, pois o Brasil enfrentará secas mais severas até 2030³⁶. A escassez de água já é um problema em várias regiões. O rio Paraná, que atravessa o Brasil, Paraguai e Argentina, está em seus níveis mais baixos em 77 anos, após uma seca que começou no final de 2019³⁷.

O Cerrado é a nascente de alguns dos grandes rios da América do Sul e atua como a "caixa d'água" do Brasil. O bioma é essencial para abastecer de água as regiões Centro-Sul e Nordeste, o Pantanal e partes da Amazônia³⁸. Nos últimos anos, vastas áreas de sua vegetação original foram desmatadas para dar lugar à agropecuária³⁹. Esse processo compromete os recursos hídricos e torna o Cerrado mais quente e seco. A desertificação já é uma ameaça real⁴⁰ ⁴¹. À medida que menos água alimenta os rios, isso pode agravar o estresse que atinge a floresta amazônica, já ameaçada de um possível colapso sistêmico⁴².

Agrotóxicos utilizados no plantio da cana-de-açúcar

Os recursos hídricos são também prejudicados pela utilização intensiva de agrotóxicos na cultura da cana-de-açúcar, bem da vinhaça, um resíduo da produção de etanol que é utilizado como fertilizante⁴³. Outros resíduos do processo da produção de etanol e açúcar, como a torta de filtro, contaminam rios e fontes subterrâneas de água, ameaçando a vida de peixes e outras espécies aquáticas, bem como o acesso à água limpa pelas comunidades locais⁴⁴. A contaminação da água potável para abastecimento da população por pesticidas tem sido particularmente alta em São Paulo, e está ligada ao uso elevado de herbicidas na produção de cana-de-açúcar⁴⁵.

O Brasil é um dos maiores consumidores de agrotóxicos do mundo. **Pesticidas utilizados na cultura da cana-de-açúcar, considerados altamente perigosos na UE, como o Fipronil e o Imidacloprid, são responsáveis pela morte de milhões de abelhas no país**⁴⁶.

Por representarem grande ameaça à saúde humana, aos animais e ao ambiente, 44% das substâncias registradas no Brasil não são aprovadas para uso na UE⁴⁷. Há também grandes diferenças nos limites permitidos para resíduos de pesticidas. Por exemplo, o nível de resíduos de glifosato permitido no açúcar no Brasil é dez vezes maior do que na UE⁴⁸.

Os agrotóxicos são uma grande ameaça à biodiversidade. Em relatório de 2019 sobre o estado da natureza em todo o mundo, o IPBES (Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos) apontou a poluição ambiental por substâncias tóxicas e nocivas como o quarto dos cinco principais fatores responsáveis pela destruição dos ecossistemas naturais e pela grave ameaça de extinção de um milhão de espécies animais e vegetais (uma em cada oito)⁴⁹.

Muitas comunidades rurais têm denunciado a contaminação de plantas e fontes de água, bem como graves problemas de saúde causados por agrotóxicos pulverizados nos campos de cana-de-açúcar por aviões^{50 51 52}. Mas as pessoas dessas comunidades temem represálias de grandes proprietários, ricos e politicamente poderosos, caso denunciem o fato⁵³.

A pulverização de agrotóxicos também tem sido usada como arma química para expulsar comunidades de suas terras. Agricultores sem terra, indígenas, quilombolas e outras comunidades têm relatado constantes pressões de empresas locais para forçar seu despejo, através de pulverizações destes pesticidas sobre suas casas⁵⁴.

Apesar de tudo isso, as multinacionais Raízen e Tereos têm utilizado drones para reduzir o custo da aplicação de agrotóxicos na cana-de-açúcar⁵⁵.

O papel da Bayer e da BASF, gigantes empresas químicas europeias

Em 2019, o governo Bolsonaro aprovou o registro de 474 agrotóxicos, alguns deles altamente perigosos⁵⁶. **As maiores empresas de agrotóxicos da Europa, Bayer e BASF, beneficiando-se de um débil marco regulatório sobre pesticidas no Brasil, estão autorizadas a vender produtos tóxicos proibidos na UE.**

Bayer e BASF afirmam cumprir a legislação nacional sobre agrotóxicos. No entanto, não mencionam sua influência sobre a elaboração das leis. Ambas as empresas são membros dos grupos de interesse agroquímico Andef (Associação Nacional de Defesa Vegetal) e Sindiveg (Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal), hoje associados na CropLife Brasil, que apoiam abertamente um projeto de lei conhecido no Brasil como "pacote do veneno". O projeto pretende simplificar ainda mais a aprovação de agrotóxicos — incluindo aqueles que são cancerígenos, que podem danificar material genético ou causar problemas reprodutivos⁵⁷.

Em 2017, um relatório da ONU sobre o direito à alimentação já denunciava o enorme poder das corporações agroquímicas como a Bayer. O documento menciona que essas empresas exercem influência sobre os formuladores de políticas e órgãos reguladores. Elas também obstruem reformas e impedem medidas de restrição a pesticidas em todo o mundo⁵⁸.

Ao mesmo tempo, multinacionais como a Bayer e a BASF lucrarão com o acordo da UE com o Mercosul, que permitirá aumento significativo das vendas de agrotóxicos nos países do Mercosul, reduzindo ou eliminando tarifas destes e de outros produtos químicos. Não é surpresa que a indústria química europeia tenha comemorado o acordo, que inclui o acesso livre de impostos para 450 mil toneladas de etanol para uso químico. Em seus websites, essas empresas afirmam que o Mercosul é um importante parceiro comercial para a indústria química da UE, pois importa anualmente produtos químicos no valor de 6,3 bilhões de euros. A redução de tarifas permitirá crescimento constante dessas exportações⁵⁹.

Impactos sociais – acesso à terra

Os padrões atuais de propriedade da terra no Brasil têm origem no período colonial e seguem sendo uma questão de poder econômico e político. O país tem um dos maiores níveis de concentração de terras do mundo, com cerca de 1% dos proprietários controlando quase a metade da área rural total⁶⁰. Nos últimos 20 anos, o setor agrícola viu sua renda aumentar em torno de 134%, a uma taxa média anual de crescimento de 6,7%⁶¹. A lógica da concentração da terra permite à elite agrária deter parcela significativa da riqueza agrícola.

Nas últimas décadas, o *boom* dos agrocombustíveis despertou maior interesse pela terra. Os incentivos concedidos aos proprietários de terras para a produção de etanol exacerbaram as desigualdades existentes⁶². Com o aumento da demanda por etanol, também aumentou a demanda por terra para cultivar cana-

de-açúcar, resultando em aumento dos preços da terra e dos alimentos⁶³. Esse aumento dos preços da terra prejudicou também a política redistributiva de terras através da reforma agrária no Brasil, beneficiando a agroindústria voltada para a exportação em detrimento dos camponeses sem terra, agravando os conflitos fundiários⁶⁴.

Os povos indígenas têm sido severamente afetados pela expansão do cultivo da cana-de-açúcar. O aumento dos preços da terra dificulta ainda mais a demarcação de suas terras. Grandes proprietários de terras têm usado estratégias legais para atrasar ou reverter a demarcação de terras indígenas. Muitas vezes, lançam também mão da violência para expulsar indígenas de terras que reivindicam, por serem seus territórios ancestrais. Sob o governo atual, a demarcação de terras parou e o número de conflitos de terra é o maior desde 1985⁶⁵.

Os Guarani-Kaiowá, no estado do Mato Grosso do Sul, têm visto a cana-de-açúcar e outros cultivos invadirem cada vez mais seus territórios tradicionais⁶⁶. Mais de 40 mil deles vivem hoje em uma área que cobre menos de 1% de seu território original⁶⁷. A Raízen cultiva cana-de-açúcar em terras oficialmente reconhecidas como pertencentes aos Guarani-Kaiowá naquele estado⁶⁸.

As mulheres sem terra conhecidas como "quebradeiras de coco" ou "quebradeiras de coco babaçu", que trabalham em regiões das mais pobres entre o Cerrado e a Amazônia brasileira, têm seu modo de vida tradicional ameaçado, à medida que a cana-de-açúcar e outras culturas se expandem para as áreas onde elas trabalham e vivem. Além disso, elas frequentemente sofrem intimidações e ameaças de violência física e sexual de agricultores e outros trabalhadores do campo⁶⁹.

Condições de trabalho e mão de obra escrava

Aqueles que trabalham em canaviais brasileiros são muitas vezes submetidos a condições semelhantes às do trabalho escravo. **Entre 1995 e 2019, cerca de 54 mil pessoas foram resgatadas de condições análogas ao trabalho escravo, 25% delas no setor canavieiro**⁷⁰. Em 2018, três empresas fornecedoras de cana-de-açúcar contratadas pela Raízen foram flagradas com 80 trabalhadores nessas condições. O empobrecimento ligado à pandemia da COVID-19 vem aumentando o número desses casos^{71 72}.

A legislação europeia, sob a Diretiva de Energias Renováveis, já foi considerada ineficiente na proteção contra potenciais impactos sociais e ambientais. O Tribunal de Contas Europeu, em investigação de 2016, constatou que as avaliações de sustentabilidade no sistema da UE para a certificação de biocombustíveis sustentáveis não consideram adequadamente os impactos socioeconômicos, tais como conflitos e deslocamentos de terras, trabalho forçado ou infantil, más condições de trabalho dos agricultores ou riscos à saúde e à segurança⁷³. O Tribunal recomendou que estes critérios fossem tornados obrigatórios, mas a nova Diretiva sobre Energias Renováveis não incorporou essas recomendações⁷⁴.

Agronegócio faz lobby para enfraquecer a proteção ambiental e social

Empresas europeias que operam no Brasil, particularmente aquelas envolvidas em joint ventures, como a Shell, fazem lobby para influenciar a agenda legislativa brasileira.

Os interesses do agronegócio são representados na política brasileira pela poderosa "bancada ruralista" presente no Congresso. Esse grupo, que representa o próspero agronegócio e as indústrias extrativistas, tem sido notório por seus esforços para minar a proteção ambiental, os direitos indígenas e trabalhistas, ao mesmo tempo em que pressiona para legitimar a grilagem de terras em larga escala e o uso de agrotóxicos perigosos.

Jair Bolsonaro, atual presidente do país, apoia integralmente essa agenda ruralista. A Câmara dos Deputados do Brasil aprovou um projeto de lei controverso que, caso aprovado pelo Senado, ajudará a legalizar apropriações privadas de terras em florestas públicas e territórios indígenas que aguardam demarcação⁷⁵.

Esse é apenas um de uma série de projetos de lei estaduais e federais que ameaçam os direitos indígenas, que tem sido acompanhada de uma escalada de violência em terras indígenas em todo o país.

Outras medidas recentes enfraquecerão ainda mais a legislação ambiental, já seriamente abalada, debilitando também os órgãos de proteção ambiental⁷⁶. Isso poderá acarretar novos aumentos das taxas de desmatamento e de incêndios florestais.

A bancada ruralista recebe financiamento substancial de grandes associações do agronegócio que representam empresas brasileiras e multinacionais europeias, incluindo gigantes do etanol como Raízen e Tereos, gigantes químicos dos agrotóxicos, como Bayer e BASF, produtores de sementes como Syngenta, assim como Bunge, Cargill, Dupont e Nestlé. Os bancos incluem os europeus Santander e Rabobank⁷⁷.

A joint venture da Shell com a Cosan também vincula a empresa à política brasileira, já que Ometto foi o maior doador individual nas eleições de 2018, doando US\$ 1,18 milhão para um total de 57 candidatos da bancada ruralista brasileira⁷⁸.

Ao financiar a bancada ruralista, esses investidores europeus vinculam-se diretamente às medidas de caráter político que visam enfraquecer mecanismos de proteção ambiental e social, bem como a proteção dos direitos indígenas no Brasil.

Políticas contraditórias da UE

O acordo UE-Mercosul foi concluído no mesmo ano em que o IPBES publicou um relatório marcante, que aponta declínio sem precedentes da natureza e uma taxa acelerada de extinção de espécies⁷⁹.

O Acordo Verde Europeu ecoa essas preocupações, ao declarar que a natureza está em crise e que são necessárias ações urgentes para proteger e restaurar os ecossistemas. O documento [EU Biodiversity Strategy for 2030 - Bringing nature back into our lives](#) declara a intenção da UE de liderar o mundo, apontando os motivos da perda da biodiversidade e estabelecendo metas ambiciosas para assegurar que até 2050 todos os ecossistemas do mundo estejam restaurados⁸⁰.

Embora a UE se apresente como líder global na reversão da destruição da natureza e no combate à crise climática, essa retórica "verde" não parece aplicar-se a acordos de livre comércio como este com o Mercosul, onde os interesses das empresas poluidoras parecem ter prioridade sobre os direitos humanos fundamentais e a proteção ambiental.

A condenação pela UE dos incêndios florestais na Amazônia no verão de 2019⁸¹, ao mesmo tempo em que negocia um acordo comercial que aumenta a importação de produtos agrícolas, principais impulsionadores do desmatamento, da mudança destrutiva do uso da terra e da perda da biodiversidade mostra que a agenda econômica da UE está em conflito com suas principais políticas climáticas.

A UE afirma que está conduzindo uma transição "verde" sob o Acordo Verde, mas as consequências do acordo comercial UE-Mercosul parecem contradizer isso. Por exemplo, estabeleceu uma meta de redução do uso de pesticidas em 50%, mas está encorajando a exportação de agrotóxicos, e a poluição que eles causam.

Por outro lado, o acordo impulsionará a exportação de automóveis da UE para os países do Mercosul ⁸², favorecendo fabricantes que ainda não tomaram medidas adequadas para enfrentar os impactos de seus produtos sobre o clima ⁸³.

Além disso, o acordo ampliará ainda mais a agricultura intensiva, que o IPCC define como fator de aceleração da perda de biodiversidade e da mudança climática. O IPCC recomenda reduzir a prática de monocultura e adotar métodos agroecológicos mais diversificados, sistemas de produção locais e menos intensivos, para combater a mudança climática⁸⁴. O acordo comercial, ao contrário, prejudicará a subsistência de agricultores familiares, sistemas de produção diversificados e ameaçará a produção local e regional.

A estratégia de biodiversidade da UE afirma promover ainda a inclusão, o respeito aos direitos e a plena participação dos povos indígenas e das comunidades locais. No entanto, o acordo irá prejudicar severamente sua autodeterminação e seus direitos coletivos. Estes povos não foram consultados sobre o acordo e a Comissão Europeia não fez qualquer esforço para garantir que essas comunidades fossem ouvidas sobre seu real conteúdo⁸⁵.

Outra clara indicação de que a Comissão está priorizando interesses econômicos e não os interesses socioambientais é o fato de ter firmado o acordo comercial antes da conclusão da Avaliação de Impacto da Sustentabilidade⁸⁶.

Assim, apesar de todo o discurso sobre valores democráticos, transição verde, sustentabilidade, emergência climática e biodiversidade, a UE parece ter a intenção de seguir agindo como de hábito, sem levar em conta os impactos sobre a natureza, as pessoas e a biodiversidade.

Conclusão

A UE está trabalhando arduamente para obter dos países do Mercosul compromissos ambientais adicionais, esperando assim pavimentar o caminho para a ratificação do acordo. Entretanto, estes compromissos não abordarão seus problemas fundamentais.

A insustentabilidade do acordo está em sua própria essência, pois é justamente a expansão do modelo intensivo do agronegócio que impulsiona os crimes ambientais e a destruição da natureza.

No caso do etanol, o aumento da produção de cana-de-açúcar significa aumento da poluição por pesticidas e fertilizantes químicos, escassez de água, condições de trabalho inaceitáveis, muitas vezes escravas, e usurpação de terras de comunidades locais e indígenas. O aumento do uso da terra para o etanol impulsionará ainda mais o desmatamento e exacerbará a atual crise de biodiversidade, sacrificando ecossistemas extremamente importantes.

As grandes empresas, com um histórico de cadeias de abastecimento globais insustentáveis, serão ainda mais fortalecidas pelo acordo comercial, que facilitará sua expansão, apesar das consequências sociais, ambientais e políticas.

Além disso, o acordo vai reforçar processos coloniais históricos, dado o risco de desapropriação de terras, conflitos fundiários e violência contra as populações rurais. Como resultado, é provável que estas populações sejam deslocadas, perpetuando a pobreza rural e as desigualdades sociais.

Os acordos comerciais bilaterais assinados entre a UE e outros países latino-americanos, como aqueles com o Peru e a Colômbia, tornaram esses países mais dependentes da exportação de matérias-primas e produtos agrícolas⁸⁷. O acordo UE-Mercosul aprofundaria a dependência da América Latina deste modelo neocolonial extrativista de recursos. Se a UE deseja cumprir suas promessas de respeito aos direitos humanos, seus compromissos com a mudança climática, a proteção da biodiversidade e do meio ambiente, deve rejeitar o acordo comercial UE-Mercosul.

Referências

- ¹ Tuíte de Jair Bolsonaro sobre a conclusão do acordo comercial UE-Mercosul: https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1144656459969572864?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1144656459969572864%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.dw.com%2Fen%2Ffeu-south-american-countries-agree-on-draft-free-trade-treaty%2Fa-49406638
- ² The Agreement in principle, 2019, página 2: https://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2019/june/tradoc_157964.pdf
- ³ Detalhamento das exportações mensais de etanol pelo Brasil. Último mês disponível: outubro. Safra 2020/2021: <https://observatoriodacana.com.br/arquivos/pdfs/2020/11/349d76d5e2da1feeb16d50d7001431d2.pdf>
- ⁴ European Bioplastics, December 2020, “Market update 2020: Bioplastics continue to become mainstream as the global bioplastics market is set to grow by 36 percent over the next 5 years”: <https://www.european-bioplastics.org/market-update-2020-bioplastics-continue-to-become-mainstream-as-the-global-bioplastics-market-is-set-to-grow-by-36-percent-over-the-next-5-years/>
- ⁵ Renewable Energy Directive, julho de 2021: https://ec.europa.eu/info/news/commission-presents-renewable-energy-directive-revision-2021-jul-14_en
- ⁶ EU-Mercosur Trade Agreement: https://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2019/july/tradoc_158059.pdf
- ⁷ EU-Mercosur Trade Agreement: https://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2019/july/tradoc_158059.pdf
- ⁸ Bioplastics Market update 2020: <https://www.european-bioplastics.org/market/>
- ⁹ Greenpeace, “Biodegradable Plastics: Breaking down the facts”, dezembro de 2020: <https://www.greenpeace.org/static/planet4-eastasia-stateless/84075f56-biodegradable-plastics-report.pdf>
- ¹⁰ <https://newatlas.com/materials/study-bioplastics-toxic-regular-plastic/>
- ¹¹ Conab. Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, v. 8 – Safra 2021-22, n. 1- Primeiro levantamento: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cana/boletim-da-safra-de-cana-de-acucar>
- ¹² [U.S. Energy Information Administration](https://www.eia.gov/energy-information-administration/)
- ¹³ Conab. Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, v. 8 – Safra 2021-22, n. 1- Primeiro levantamento. <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cana/boletim-da-safra-de-cana-de-acucar>
- ¹⁴ Paraguay: MIC registró récord en la comercialización de alcohol. 24 de dezembro de 2020 <https://www.ip.gov.py/ip/mic-registro-record-en-la-comercializacion-de-alcohol/>
- ¹⁵ Reuters, fevereiro de 2021: [Brazil's Raizen to buy Louis Dreyfus sugar and ethanol unit Biosev](https://www.reuters.com/business/energy/brazil-raizen-to-buy-louis-dreyfus-sugar-and-ethanol-unit-biosev-2021-02-02/)
- ¹⁶ Amazon watch, “Complicity in Destruction III”, outubro de 2020, página 28, <https://amazonwatch.org/assets/files/2020-complicity-in-destruction-3.pdf>
- ¹⁷ <https://www.proparco.fr/en/carte-des-projets/tereos>
- ¹⁸ Sugar trade and the role of historical colonial linkages, Marie M. Stack, Rob Ackrill, Martin Bliss, European Review of Agricultural Economics Vol 46 (1) (2019): <https://academic.oup.com/erae/article/46/1/79/5054662>
- ¹⁹ Sugar and the Formation of Colonial Brazil, Vera Lucia Amaral Ferlini, 28 de agosto de 2019: <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/latinamericanhistory/view/10.1093/acrefore/9780199366439-e-729>

-
- ²⁰ Sugarcane Industry, Expansion and Changing Land and Labor Relations in Brazil, The Case of Mato Grosso do Sul 2000–2016», Working Paper No. 9, Bioeconomy & Inequalities, Lorenzen, Kristina (2019): <https://www.bioinequalities.uni-jena.de/sozbemedia/WorkingPaper9.pdf>
- ²¹ Sugar & the Rise of the Plantation System, James Hancock, junho de 2021, <https://www.worldhistory.org/article/1784/sugar--the-rise-of-the-plantation-system/>
- ²² Large-Scale Land Acquisitions: A Historical Perspective, Laurence Roudart e Marcel Mazoyer, 2015, <https://journals.openedition.org/poldev/2015>
- ²³ <https://www.cbd.int/countries/profile/?country=br>
- ²⁴ Biodiversity Impacts of Increased Ethanol Production in Brazil, janeiro de 2020, Page 2, https://www.researchgate.net/publication/338374101_Biodiversity_Impacts_of_Increased_Ethanol_Production_in_Brazil
- ²⁵ System complexity and policy integration challenges: The Brazilian Energy- Water-Food Nexus, fevereiro de 2019, <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032119300498>
- ²⁶ Em seu relatório de avaliação global sobre biodiversidade e ecossistemas, o IPBES afirma que para que o etanol e outros biocombustíveis sejam sustentáveis, a demanda global deve ser reduzida, p948; <https://ipbes.net/global-assessment>
- ²⁷ Corporate Power in the Bioeconomy Transition: The Policies and Politics of Conservative Ecological Modernization in Brazil, Mairon G. Bastos Lima, junho de 2021, <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/12/6952/htm>
- ²⁸ New Forms of Land Grabbing Due to the Bioeconomy: The Case of Brazil, Eva Cudlínová, Valny Giacomelli Sobrinho, Rio Miloslav Lapk e Luca Salvati, abril de 2020: <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/8/3395/htm>
- ²⁹ Biodiversity Impacts of Increased Ethanol Production in Brazil, janeiro de 2020, página 2: https://www.researchgate.net/publication/338374101_Biodiversity_Impacts_of_Increased_Ethanol_Production_in_Brazil
- ³⁰ Mapping land use changes resulting from biofuel production and the effect of mitigation measures, Floor van der Hilst, Judith A. Verstegen, Geert Woltjer, Edward M. W. Smeets, Wageningen Economic Research, Den Haag, Holanda, julho de 2018: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/qcbb.12534>
- ³¹ Loss of soil (macro)fauna due to the expansion of Brazilian sugarcane acreage. André L. C. Franco, M. Bartz. André L.C. Franco, M. Rio Bartz, 2016: [https://www.semanticscholar.org/paper/Loss-de-solo-\(macro\)fauna-devido-à-expansão-de-Franco-Bartz/8941c588d90490c22cce85c04d8994970fdb8884](https://www.semanticscholar.org/paper/Loss-de-solo-(macro)fauna-devido-à-expansão-de-Franco-Bartz/8941c588d90490c22cce85c04d8994970fdb8884)
- ³² A confirmation of the indirect impact of sugarcane on deforestation in the Amazon, Tomas Jusys Journal of Land Use Science, 2017: os resultados revelam que a cana-de-açúcar contribuiu indiretamente para o desmatamento no Brasil no período de 2002 a 2012. O efeito foi estimado como considerável; em particular, 16,3 mil km² de floresta foram desmatados por atores econômicos deslocados pela expansão das plantações de cana-de-açúcar. Esse número representa 12,2% do desmatamento no Brasil de 2002 a 2012 e equivale a 189,4 milhões de Mg de emissões de carbono: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-confirmation-of-the-indirect-impact-of-sugarcane-Jusys/5ed000d8d0103d638533527e82d3270617e7e24>
- ³³ Cerrado: Brazil's tropical woodland, Jeremy Hance, 29 de julho de 2020: <https://rainforests.mongabay.com/cerrado/>
- ³⁴ Mongabay “As bioethanol demand rises, biodiversity will fall in Cerrado, study says”, 4 de maio de 2020: <https://news.mongabay.com/2020/05/as-bioethanol-demand-rises-biodiversity-will-fall-in-cerrado-study-says/>
- ³⁵ Peri-urban territories and WEF nexus: the challenges of Brazilian agrarian reform areas for social justice, Thainara Granero de Melo Lacerra de Souza e Rosemeire Aparecida Scopinh, dezembro de 2020: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1943815X.2020.1844757>

-
- ³⁶ Hydrological impacts of ethanol-driven sugarcane expansion in Brazil, Um.S.Duden, janeiro de 2021: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301479721000049>
- ³⁷ The Guardian, Paraguay on the brink as historic drought depletes river, its life-giving artery, setembro de 2021: <https://www.theguardian.com/global-development/2021/sep/27/paraguay-severe-drought-depletes-river>
- ³⁸ Mongabay, “Cerrado: Agribusiness may be killing Brazil’s ‘birthplace of waters’”, março de 2018: <https://news.mongabay.com/2018/03/cerrado-agribusiness-may-be-killing-brazils-birthplace-of-waters/>
- ³⁹ Rare wildlife in Brazil’s savannah is under threat — we are all responsible, outubro de 2019, <https://medium.com/@unepwcmc/rare-wildlife-in-brazils-savannah-is-under-threat-we-are-all-responsible-c17b21e3c0fa>
- ⁴⁰ Mongabay, “Cerrado desertification: Savanna could collapse within 30 years, says study”, julho de 2021, <https://news.mongabay.com/2021/07/cerrado-desertification-savanna-could-collapse-within-30-years-says-study/>
- ⁴¹ Primary research article, “The Brazilian Cerrado is becoming hotter and drier”, abril de 2021: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gcb.15712>
- ⁴² Changes in Climate and Land Use Over the Amazon Region: Current and Future Variability and Trends, dezembro de 2018, <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/feart.2018.00228/full>
- ⁴³ Knowledge Production and Land Relations in the Bioeconomy. A Case Study on the Brazilian Sugar-Bioenergy Sector, abril de 2021: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/8/4525/htm>
- ⁴⁴ Uncovering the Green, Blue, and Grey Water Footprint and Virtual Water of Biofuel Production in Brazil: A Nexus Perspective, novembro de 2017: <https://www.mdpi.com/2071-1050/9/11/2049/htm>
- ⁴⁵ Reporter Brasil, Cocktail of 27 pesticides found in water of 1 out of 4 Brazilian cities, abril de 2019, <https://reporterbrasil.org.br/2020/02/cocktail-of-27-pesticides-found-in-water-of-1-out-of-4-brazilian-cities/>
- ⁴⁶ Greenpeace, EU-Mercosur: Double standards concerning agrotoxics, How the EU and German companies profit from the sale of pesticides detrimental to biodiversity, maio de 2020, https://www.greenpeace.de/sites/www.greenpeace.de/files/publications/eu_mercosur_double_standards_concerning_agrotoxics_2020.pdf
- ⁴⁷ Rosa Luxemburgo Stiftung, Hazardous Pesticides from Bayer and BASF, abril de 2020, <https://www.rosalux.de/en/publication/id/42000/hazardous-pesticides-from-bayer-and-basf>
- ⁴⁸ Larissa Rio Mies Bombardi, Geography of Asymmetry: the vicious cycle of pesticides and colonialism in the commercial relationship between Mercosur and the European Union, maio de 2021.
- ⁴⁹ Greenpeace, EU-Mercosur: Double standards concerning agrotoxics, How the EU and German companies profit from the sale of pesticides detrimental to biodiversity, maio de 2020, https://www.greenpeace.de/sites/www.greenpeace.de/files/publications/eu_mercosur_double_standards_concerning_agrotoxics_2020.pdf
- ⁵⁰ The Conversation, Blood in bio-ethanol: how indigenous peoples’ lives are being destroyed by global agribusiness in Brazil, agosto de 2018: <https://theconversation.com/blood-in-bio-ethanol-how-indigenous-peoples-lives-are-being-destroyed-by-global-agribusiness-in-brazil-101348>
- ⁵¹ Peri-urban territories and WEF nexus: the challenges of Brazilian agrarian reform areas for social justice, Thainara Granero de Melo, Bruno Lacerra de Souza e Rosemeire Aparecida Scopinho, dezembro de 2020: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1943815X.2020.1844757>
- ⁵² Knowledge Production and Land Relations in the Bioeconomy. A Case Study on the Brazilian Sugar-Bioenergy Sector, Maria Backhouse e Kristina Lorenzen, fevereiro de 2021, P. 11: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/8/4525/htm>
- ⁵³ Report Human Rights Watch, “You don’t want to breath poison anymore”, julho de 2018: <https://www.hrw.org/report/2018/07/20/you-não-quer-respirar-veneno-mais/falha-resposta-pesticida-drift-brazils>
- ⁵⁴ Report of the Special Rapporteur on toxics, Baskut Tuncak, setembro de 2020: <http://www.srtoxics.org/brazil-report-to-un-human-rights-council/>
- ⁵⁵ <https://news.agropages.com/News/NewsDetail---37807-e.htm>

-
- ⁵⁶ Larissa Mies Bombardi, Geography of Asymmetry: the vicious cycle of pesticides and colonialism in the commercial relationship between Mercosur and the European Union, maio de 2021
- ⁵⁷ Rosa Luxemburg Stiftung, Hazardous Pesticides from Bayer and BASF, abril de 2020, <https://www.rosalux.de/en/publication/id/42000/hazardous-pesticides-from-bayer-and-basf>
- ⁵⁸ Report of the Special Rapporteur on the right to food, janeiro de 2017: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G17/017/85/PDF/G1701785.pdf?OpenElement>
- ⁵⁹ Cefic, Concluding a free trade deal with Mercosur will benefit trade in chemicals between the two regions, <https://cefic.org/media-corner/newsroom/concluding-a-free-trade-deal-with-mercosur-will-benefit-trade-in-chemicals-between-the-two-regions/>
- ⁶⁰ Oxfam Brasil, agosto de 2018: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-e-dona-de-quase-metade-da-area-rural-brasileira/>
- ⁶¹ Vigência, “Invisible hands? European corporations and the deforestation of the Amazon and Cerrado biome”, março de 2021, https://corpwatchers.eu/IMG/pdf/0_final_vigencia_invisible_hands_14.pdf
- ⁶² Sugarcane Industry, Expansion and Changing Land and Labor Relations in Brazil, The Case of Mato Grosso do Sul 2000–2016, Working Paper No. 9, Bioeconomy & Inequalities, Lorenzen, Kristina, Lorenzen, Kristina (2019): <https://www.bioinequalities.uni-jena.de/sozbemedia/WorkingPaper9.pdf>
- ⁶³ Transport & Environment, “Over 100 scientific studies confirm biofuels policies increase food prices”, setembro de 2017, <https://www.transportenvironment.org/discover/over-100-scientific-studies-confirm-biofuels-policies-increase-food-prices-study/>
- ⁶⁴ Peri-urban territories and WEF nexus: the challenges of Brazilian agrarian reform areas for social justice, Thainara Granero de Melo, Bruno Lacerra de Souza e Rosemeire Aparecida Scopinho, dezembro de 2020: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1943815X.2020.1844757>
- ⁶⁵ Land conflicts in Brazil break record under Bolsonaro, junho de 2021: <https://news.mongabay.com/2021/06/land-conflicts-in-brazil-break-record-in-2020-under-bolsonaro/>
- ⁶⁶ Sugarcane Industry, Expansion and Changing Land and Labor Relations in Brazil, The Case of Mato Grosso do Sul 2000–2016«, Working Paper No. 9, Bioeconomy & Inequalities, Lorenzen, Kristina (2019): <https://www.bioinequalities.uni-jena.de/sozbemedia/WorkingPaper9.pdf>
- ⁶⁷ Universidade de Brasília – Unb, A luta dos Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul pelo território: memórias e imagens do (Re)existir num estado permanente de exceção no Brasil (1964-2018), 2019: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35248/1/2019_RodrigoPiubelli.pdf
- ⁶⁸ Somo, “Shell unresolved CSR issues in 2011”, março de 2021: <https://www.somo.nl/wp-content/uploads/2012/05/Shell-Two-unresolved-CSR-issues-in-2011.pdf>
- ⁶⁹ Mongabay, “Brazil’s ‘coconut breakers’ feel the squeeze of Cerrado development”, novembro de 2019: <https://news.mongabay.com/2019/11/brazils-coconut-breakers-feel-the-squeeze-of-cerrado-development/>
- ⁷⁰ O SUAS no combate ao trabalho escravo e ao tráfico de pessoas, 2020: http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2020/06/Combate_Trabalho_Escravo_01.06.pdf
- ⁷¹ Repórter Brasil, Exaustos, trabalhadores cortavam 22 toneladas de cana por dia para Raízen, outubro de 2018, <https://reporterbrasil.org.br/2018/10/exaustos-trabalhadores-cortavam-22-toneladas-de-cana-por-dia-para-raizen/>
- ⁷² O Globo, agosto de 2021, <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/escravos-contemporaneos-primeiro-semester-de-2021-registra-80-do-numero-de-casos-do-ano-passado-25151278>
- ⁷³ European Court of Auditors, “The EU system for the certification of sustainable biofuels”, 2016, https://www.eca.europa.eu/Lists/ECADocuments/SR16_18/SR_BIOFUELS_EN.pdf
- ⁷⁴ Renewable Energy – Recast to 2030 (RED II), <https://ec.europa.eu/jrc/en/jec/renewable-energy-recast-2030-red-ii>

⁷⁵ Nota da Abrasco sobre a nova Lei Geral (da extinção) do Licenciamento Ambiental, Junho de 2021: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/nota-da-abrasco-sobre-a-nova-lei-geral-da-extincao-do-licenciamento-ambiental/60168/>

⁷⁶ Pushing the whole lot through – the second year of environmental havoc under Brazil’s Jair Bolsonaro, Observatório do Clima, fevereiro de 2021, <https://www.oc.eco.br/en/passando-a-boiada-o-segundo-ano-de-desmonte-ambiental-sob-jair-bolsonaro/>

⁷⁷ Multinacionais são financiadoras ocultas da Frente Parlamentar da Agropecuária, maio de 2019: <https://deolhonosruralistas.com.br/2019/05/21/multinacionais-sao-financiadoras-ocultas-da-frente-parlamentar-da-agropecuaria/>

⁷⁸ Amazon watch, “Complicity in Destruction III”, outubro de 2020, <https://amazonwatch.org/assets/files/2020-complicity-in-destruction-3.pdf>

⁷⁹ IPBES, Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services, 2019: <https://ipbes.net/global-assessment>

⁸⁰ EU Biodiversity Strategy for 2030, “Bringing nature back into our lives”, maio de 2020: https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/communication-annex-eu-biodiversity-strategy-2030_en.pdf

⁸¹ Reuters, “As EU threatens trade retaliation, Brazil sends army to fight Amazon fires”, agosto de 2019, <https://www.reuters.com/article/us-brazil-politics-idUSKCN1VD19T>

⁸² Reuters, “As EU threatens trade retaliation, Brazil sends army to fight Amazon fires”, August 2019, <https://www.reuters.com/article/us-brazil-politics-idUSKCN1VD19T>

⁸³ Greenpeace, Crashing the Climate: How the Car Industry is driving the climate crisis, setembro de 2019: https://www.greenpeace.de/sites/www.greenpeace.de/files/publications/gp_cleanairnow_carindustryreport_full_v5_0919_72ppi_0.pdf

⁸⁴ IPCC, Chapter 5 Food security, 2021: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/4/2021/02/08_Chapter-5_3.pdf

⁸⁵ A este respeito, vale a pena analisar a recente anulação do acordo de comércio UE-Marrocos pela Corte da UE. O tribunal anulou decisão do Conselho que ampliou o acordo comercial sobre pesca e produtos agrícolas, para incluir o território do Saara Ocidental. O Tribunal Geral da UE argumentou que o consentimento do povo do Saara Ocidental não havia sido assegurado. <https://www.dw.com/en/eu-court-annuls-morocco-trade-agreement-over-western-sahara/a-59351343>

⁸⁶ Ombudsman: Sustainability assessment should have been completed before EU-Mercosur trade deal agreed by negotiators, março de 2021: <https://www.ombudsman.europa.eu/en/press-release/en/139425>

⁸⁷ Trade agreement between the European Union and Colombia and Peru, julho de 2018: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621834/EPRS_STU\(2018\)621834_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/621834/EPRS_STU(2018)621834_EN.pdf)

Friends of the Earth Europe Member Groups

Austria — **GLOBAL 2000**

Belgium (Wallonia & Brussels) — **Les Amis de la Terre**

Belgium (Flanders & Brussels) — **Climaxi**

Bosnia & Herzegovina — **Centar za životnu sredinu**

Bulgaria — **Za Zemiata**

Croatia — **Zelena Akcija**

Cyprus — **Friends of the Earth**

Czech Republic — **Hnutí Duha**

Denmark — **NOAH**

England, Wales & Northern Ireland — **Friends of the Earth**

Estonia — **Eesti Roheline Liikumine**

Finland — **Maan Ystävät Ry**

France — **Les Amis de la Terre**

Georgia — **Sakhartvelos Mtsvaneta Modzraoba**

Germany — **Bund für Umwelt und Naturschutz**

Deutschland (BUND)

Hungary — **Magyar Természetvédők Szövetsége**

Ireland — **Friends of the Earth**

Latvia — **Latvijas Zemes Draugi**

Lithuania — **Lietuvos Zaliuju Judėjimas**

Luxembourg — **Mouvement Ecologique**

Macedonia — **Dvizhenje na Ekologistite na Makedonija**

Malta — **Friends of the Earth Malta**

The Netherlands — **Milieudefensie**

Norway Norges — **Naturvernforbund**

Poland — **Polski Klub Ekologiczny**

Russia — **Russian Social Ecological Union**

Scotland — **Friends of the Earth Scotland**

Slovakia — **Priatelja Zeme**

Slovenia — **Focus Association for Sustainable Development**

Spain — **Amigos de la Tierra**

Sweden — **Jordens Vänner**

Switzerland — **Pro Natura**



Friends of the Earth Europe campaigns the protection of the environment, unites more than 30 national organisations with thousands of local groups and is part of the world's largest grassroots environmental network, Friends of the Earth International.



Friends of the Earth Europe gratefully acknowledges financial assistance from the European Commission (LIFE Programme) and the Open Society Initiative for Europe (OSIFE). Detailed information about Friends of the Earth Europe's funding can be found at:

www.foeeurope.org/about/financial.

The contents of this document are the sole responsibility of Friends of the Earth Europe and cannot be regarded as reflecting the position of the funders mentioned above. The funders cannot be held responsible for any use which may be made of the information this document contains.



**Amigos
da Terra
BRaSiL**



**Friends of
the Earth
Europe**

Rue d'Edimbourg 26 | 1050 Brussels | Belgium
EU Transparency Register no. 982553393-31
Tel. +32 2 893 10 00 | info@foeeurope.org
www.friendsoftheearth.eu

